

JUAN VILLORO

# Arrecife

*Tradução*

Josely Vianna Baptista



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Juan Villoro Editorial Anagrama S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Arrecife

*Capa*

Thiago Lacaz

*Foto de capa*

ImageZoo/ Corbis/ Latinstock

*Preparação*

Luciana Araujo

*Revisão*

Carmen T. S. Costa

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Villoro, Juan

Arrecife / Juan Villoro; tradução Josely Vianna Baptista. —  
1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Título original: Arrecife

ISBN 978-85-359-2445-9

1. Ficção mexicana I. Título.

---

14-03019

CDD - 863

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura mexicana

863

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

— Vá embora — disse Sandra, mas deixou a porta aberta.

Um reflexo paranoico me fez desconfiar dela. No entanto, minha excitação era mais forte que a necessidade de estar a salvo.

Empurrei a porta.

O apartamento parecia duas vezes maior que o meu. Passei por uma sala de estar, seguindo o barulho da televisão no quarto. Ouvi ofegos. Sandra tinha acesso a um canal pornô?

A última luz da tarde raiava as paredes com um clarão lilás. Virei os olhos para a tela. Sandra tinha sintonizado um programa de cirurgia plástica. Procurei o controle remoto.

— Não desligue! — gritou ela, do banheiro.

Um médico segurava uns implantes com cuidado, como se fossem gelatinas sagradas. Enquanto isso, falava em “naturalidade” e “confiança”.

— Você gosta de ver isso? — perguntei, virando-me para a porta.

— É relaxante — respondeu ao sair do banheiro.

Tinha vestido um roupão de banho. O logotipo do La Pirâmide — as quatro direções do céu — se destacava sobre seu seio esquerdo.

Um clarão avermelhado saía da tela, cobrindo as paredes. Isso acalmava Sandra? Ela gostava de ver corpos martirizados pelo bisturi depois de passar oito horas na sala onde ensinava uma mistura de ioga e artes marciais.

Observei seus pés, maltratados pelo exercício. O sol, já fraco, ainda servia para incomodar alguém que bebeu cinco vodcas com suco de abacaxi.

— Desligue o ar — pediu Sandra.

Gostei dela ter dito isso. Desligar o ar-condicionado criava um estranho isolamento.

Sandra pôs a mão no cinto do roupão e a deixou ali, como uma especialista em adiantamentos.

Acordei de manhã com mais chance de ter de lutar com uma arraia do que de entrar nesse quarto. Mas no meio da tarde alguma coisa mudou. Talvez tenha sido a vodca, talvez uma música horrível que de repente me soou gloriosa: “Feelings”.

Já fazia um ano que Sandra e eu nos conhecíamos, mas era a primeira vez que bebíamos juntos. Ela pediu um martíni e ficou reclamando do trabalho. No segundo martíni se lembrou de um emprego pior: durante anos dançara numa jaula, numa discoteca de Kukulcán. No terceiro martíni, disse:

— Me toque com esse dedo.

Meu “dedo” era um coto. Perdi a falangeta com um rojão que explodiu.

— Os mutilados mantêm a sensibilidade dos membros que perdem. Meu pai perdeu a mão na Coreia. Consegue me sentir com esse dedo? — perguntou, aproximando o rosto.

Lembrei-me da primeira cena erótica que me seduziu num filme. Charlton Heston era El Cid e tinha dormido com Sophia Loren. Ao acordar, ela acariciava a testa e o nariz do herói com um dedo esguio. Aquela carícia, aos doze anos, pareceu-me insuperável: o dedo de Sophia deslizava sobre El Cid como se o desenhasse.

Quarenta anos depois uma mulher me pedia que “tocasse” seu rosto com a falange que perdi.

Não havia mais ninguém no Bar Canario. As cadeiras vazias aumentavam nossa intimidade.

— Você me sente? — perguntou.

— Vamos para o seu quarto.

— O que sente?

— Lá em cima eu digo.

— Em cima de mim? — sorriu.

Apoiou-se no encosto da cadeira, roendo a unha, e declamou uma daquelas maçantes sentenças morais que aprendera em sua terra natal, Iowa:

— *Don't shit where you eat.*

Lembrei a ela que não trabalhávamos juntos. *Morávamos* em La Pirâmide: o resort representava A Cidade. Estávamos isolados, à margem. Além de nossos limites a vida era rastreada por radares.

O acaso veio em meu auxílio. Juliancito, barman maia de um metro e meio de altura, que preparava drinques montado num banquinho, intuí que eu queria ouvir várias vezes a mesma música. “Feelings” soou novamente.

Há músicas cujo descaramento sentimental define as emoções inconfessáveis de uma época. O que você sentiu e não teve coragem de dizer se cristaliza ali. O veneno que você repudiou quando era atual retorna como o maravilhoso açúcar dos dias perdidos.

Perdi a conta das vezes que toquei, em meus tempos de baixista de hotel, essa canção melosa. Faltava-me meio dedo e muito talento para ser Jaco Pastorius e eu tinha perdido muitas batalhas em nome do heavy metal; aceitei o repertório de músico de centro noturno como quem repete a tabela periódica dos elementos: tocava “Feelings” com a neutralidade com que um dia memorizei a valência química do cloro.

Naquela tarde, em La Pirámide, essa música veio se vingar. Quando “Feelings” estava na moda, eu ainda podia me arriscar a arruinar minha vida. Talvez tenha sido isso que me chocou: lembrar de mim como de alguém que ainda tem o desastre pela frente.

— É a sua música? — perguntou Sandra.

— Acha isso estranho?

— Não sabia que você era sentimental.

— Não sou sentimental. Também não gosto de suco de abacaxi, mas estou bebendo. Há incômodos que ajudam a acabar com um dia desagradável.

Sandra pediu outro martíni e mostrou interesse por meu dia desagradável.

Descrevi a sonorização do aquário. Meu amigo Mario Müller tinha inventado um trabalho peculiar para mim: musicalizar peixes. Eu punha sensores sob a areia do aquário para transformar os deslocamentos deles em sons. As harmonias relaxavam os hóspedes, mas deixavam os peixes alterados.

Em noites de lua cheia, os peixes ficavam particularmente nervosos. Não adiantava nada pingar na água um calmante, que eles absorviam pelas brânquias.

— Você é psiquiatra de peixes — Sandra exibiu seus enormes dentes brancos.

Não gosto dos dentes blindados das gringas. Mas tem coisas que melhoram com a vodca: o suco de abacaxi, o sorriso de Sandra.

— Seus animais são neuróticos — disse ela —, os meus são apenas animais. No final do dia, o que mais me dói são as bochechas. Sorrir tantas horas é demais.

Fazia vinte anos que Sandra estava no México. Não perdera o sotaque, mas falava espanhol com mais fluência que os funcionários maias e usava mais expressões coloquiais que eu, ex-roqueiro que acabou renegando a contracultura, aquela maneira pomposa de transformar a rebeldia num sistema de queixas mais ou menos rentável. Ao aposentar o baixo elétrico jurei que me suicidaria antes de dizer novamente “neca de pitibiriba”.

— Você não pode trabalhar sem sorrir? — perguntei.

— O exercício é uma dor alegre. Ensino ioga ashtanga, kung fu tibetano, *dance contact*. Tudo isso tem uma coisa em comum: a instrutora deve sorrir. O que houve com o seu dedo?

Contei que aos dezesseis anos um rojão triangular explodiu em minha mão. Meu sangue respingou numa garota. Já esqueci o nome dela, mas para Sandra eu a chamei de Rebeca. Ela deixou que o sangue escorresse por suas faces, não se limpou, absorvia diante de meu ferimento, diante daquele acidente que era eu. Segurei o rojão para me exibir para ela. Sandra fazia ioga: merecia uma explicação complexa.

A verdade é que no momento da explosão só pensei que o rojão valia uma fortuna: cinco pesos desperdiçados.

— O foguete era tipo *paloma*? — perguntou ela, com seu gosto por expressões vernáculas.

— Era.

— Que bobeira, cara.

Odeio os coloquialismos como só pode odiá-los alguém que os usou até torná-los intravenosos. Não queria ser “bobo” nem “cara” para Sandra, embora aos cinquenta e três anos fosse difícil para mim ser outra coisa para uma mulher de trinta e sete.

— E a perna? — perguntou.

Referia-se à minha manqueira.

— Um carro me atropelou — falei, sem vontade de me entender sobre esse ferimento.

— Antes ou depois da explosão?

— Antes.

— Você já mancava quando seu dedo foi pelos ares? — Os olhos dela brilharam. — Você é sentimental — sentenciou. — Não imaginava isso.

Sandra interpretou minha conduta da seguinte forma: corri o risco de me machucar quando já havia me machucado. Para ela eu não parecia autodestrutivo, mas sentimental. Rebeca fora respingada com meu sangue. Isso explicava “Feelings”.

Era insólito falar do passado em La Pirámide. Todos nós estávamos lá porque alguma coisa tinha dado errado em outro lugar. Uma das convenções mais agradáveis do hotel era que ninguém sentisse curiosidade pela vida anterior. Sandra estava quebrando o protocolo; estava interessada no que eu já deixara de ser.

Só então percebi que estávamos paquerando.

— Sente alguma coisa no dedo? — retomou o assunto.

Contou-me que suas sessões começavam com dez “saudações ao sol”. O clima no Caribe estava ruim, mas não o suficiente para o meu gosto. O sol sempre era demais para mim. Não disse nada e fiquei ouvindo ela falar de dinâmicas de relaxamento. Disse estar cansada de corpos aperfeiçoados pelo exercício. Meus machucados lhe interessaram como se meu corpo se expressasse em outro idioma, o francês dos ferimentos.

Não respondi à pergunta sobre a sensibilidade de meu dedo. Então ela falou de seu passado. Chegou ao Caribe com dezessete anos, na companhia de um veterano de guerra do Vietnã que acordava com terrores noturnos. Acamparam em praias desertas e fumaram baseado até que ele teve um derrame cerebral:



— Voltou para os Estados Unidos num saco. Ele pensou que ia sair assim de Saigon, não do México.

Sandra ficou no litoral e passou por uma fase que ela chamava de “minha miséria”. Conheceu todas as discotecas, usando uma camiseta que dizia *Too drunk to fuck* e que não surtiu grande efeito. Regenerou-se com uma estranha forma de sofrimento, dançando numa jaula. Foi como cumprir uma pena. Por fim, descobriu a sobriedade, o exercício, o dinheiro seguro, a vida nos hotéis. La Pirámide tinha sido seu melhor trabalho.

Sempre pensei que grupos de rock fizessem ioga quando o sucesso os entediava. Sandra usava técnicas de uma complexidade desconhecida para mim: conseguia fazer que os turistas controlassem sua agressividade e que os atores que tinham problemas para estabelecer contato visceral com suas emoções as fingissem.

— Mas você está cansada de sorrir — comentei para lembrá-la de que precisava de um remédio.

Eu gostava de Sandra, mas não tanto quanto a situação que tínhamos criado. Ela aproximou sua mão e “tocou” a parte inexistente de meu dedo.

— Me sente?

— Sim — menti.

— Me toque você — estendeu a palma da mão.

Nosso primeiro contato físico foi essa quiromancia. Percorri a palma de sua mão sem tocá-la. Quase não tinha linhas. Parecia que sua pele tinha acabado de ser feita. Mostrei-lhe minhas palmas, cheias de linhas.

— Suas mãos são como o mapa da capital — disse —; as minhas, como o mapa de Iowa.

Pegou meu dedo e “chupou” a falange que me falta:

— O que sente?

— Vamos para o seu quarto.

Não queria ir para o meu porque os livros conturbavam o ambiente. Em La Pirâmide, cidadela onde as camas eram arrumadas com rigor cirúrgico, um quarto como o meu sugeria uma existência esquisita: um roteirista que se afastou para adaptar um romance incompreensível, um leitor maníaco num lugar onde os outros só leem rótulos de bronzadores, um professor alérgico ao ar livre, um perturbado que espera seu momento.

— Vamos ser razoáveis — disse Sandra.

— Senti uma coisa muito especial — a frase era verdadeira, embora não se referisse a meu dedo.

— Chupei o ar, mas foi uma coisa diferente — admitiu ela.

Pediu a conta e insistiu em pagar. Queria encerrar a despedida de forma generosa: suas notas sussurravam com amabilidade que eu não chegaria a sua cama.

— Gostei de conversar com você — e se levantou.

Eu a segui maquinalmente.

Pegamos o elevador juntos. Seu quarto ficava no quinto andar, o meu no sétimo. Ela só apertou o número 5. Bom sinal. Tentei beijá-la.

— *You better don't* — resistiu.

Gostei que ela me rejeitasse em inglês, seu idioma verdadeiro. Segui-a até o quarto. Foi aí que ela disse: “Vá embora”.

Mas deixou a porta aberta.

Agora ela estava na cama, prestes a abrir o cinto do roupão.

— Tenho uma fantasia — disse.

Senti uma felicidade primária, absoluta, imerecida, perfeita. Sandra era uma norte-americana que não queria misturar trabalho com prazer. Mas tinha uma fantasia.

— Aumente o volume da tevê — pediu.

Obedeci, enquanto ela tirava o roupão. Deitou-se de bruços, completamente nua.

— Me toque com seu dedo. Só isso. Não quero mais nada. Tudo bem pra você? Quero que você me sinta.

Às vezes percebo certa eletricidade em meu coto. O tom contratual dela me incomodou, mas eu estava tão excitado que podia sentir os cadarços de meus sapatos.

Dispus-me a “tocá-la” e a ultrapassar o limite. “A tortura da esperança”, lembrei. De onde vinha essa frase? Tinha sido dita por um ilustrado do século XVIII, um guru, um biscoito da sorte, um comentarista esportivo?

De uma forma intangível, percorri seu corpo lapidado pelo exercício. Ela abriu um pouco as pernas. Pude ver seus pentelhos eriçados, os lábios vaginais, o botão arroxeadado do ânus.

Na tela da tevê, alguém gemia de dor. Abstraindo-se a imagem, era um som erótico. “Ela está louca”, pensei. A cena mudou na tela. A pele de Sandra se cobriu de sombras sanguinolentas. Talvez em outro quarto outro casal fizesse a mesma coisa. Talvez estivéssemos fazendo uma coisa normal.

Acariciada pelas imagens e pelo espectro de meu dedo, Sandra respirou de forma ofegante. Sua felicidade era minha tortura.

Estava prestes a interromper a falsa delícia desse rito quando o telefone tocou.

— Atenda você — disse ela.

— Tem certeza?

— Somos adultos, Antonio, você pode estar onde bem entender.

Atendi o telefone.

Era Mario Müller. Reconheceu minha voz.

— Tony?

— Quer falar com a Sandra?

— Não, com você.

Como ele soube que eu estava lá? Pensei numa câmera atrás do espelho. Um segundo bastou para definir minha paranoia: talvez o canal de cirurgias servisse para vigiar os hóspedes.

— Aconteceu uma coisa — Mario falou num tom premente.

— Onde você está?

— No aquário.

Sandra se levantara e vestia o roupão.

— É o Mario — disse a ela —, preciso ir.

— A vida dura mais que o prazer — comentou com rotineira sabedoria, como se recitasse algo lido numa caixa de cereal. — Vai chegar lá depressa, é o bom de não ter tirado a roupa.

Uma garota prática, o que eu menos queria.

Saí depressa. No corredor, me senti enjoado. A vodca me subiu à cabeça como uma decepção adicional. Vi um vaso com uma palmeira-de-leque. Alcancei-o bem a tempo de vomitar.

Me senti melhor, não tanto pelo alívio físico, mas pelo prazer de arruinar as plantas.

Odiei Mario, meu melhor amigo de toda a vida, gerente do La Pirâmide, capaz de me tirar do quarto de Sandra para vomitar num corredor.

Os peixes do aquário frequentemente pareciam incomodados. Nadavam em zigue-zague e se chocavam contra o vidro várias vezes. Então, eu desconectava os sensores e apagava as luzes. Na escuridão, percebia os corpos moles, desesperados, fracos, tentando inutilmente transpassar o vidro.

Andei até o clarão do grande aquário. Um tubarão-martelo nadava com parcimônia.

Quatro vultos se recortavam contra o vidro azul-turquesa. Só três estavam de pé. Reconheci Mario Müller, Leopoldo Támez (o chefe de segurança) e o mergulhador Ceballos.

Concentrei-me no corpo deitado no chão de mármore. Mario o iluminava com uma lanterna. Estava numa posição estranha, como se ensaiasse uma braçada. Também tinha um arpão nas costas.

Um silêncio grave dominava o lugar. O silêncio imposto por um cadáver.

Ajoelhei para ver os olhos de Ginger Oldenville. Mesmo morto, conservava a expressão iludida de quem observa uma gai-vota.

Não havia sinal de água. Tinham-no matado ali, vestido com a roupa de neoprene.

Levantei-me.

— Sr. Tony! — Ceballos abraçou-me com força.

Sentir cheiro de plástico me fez bem. Me fez bem porque me impediu de pensar. Senti a testa suada de Ceballos em minha nuca. Cheirei o neoprene como um álcool benévolo.

Minhas mãos tremiam. Não queria abrir os olhos. Queria cheirar aquele plástico poderoso que me afastava do mundo.

— Um arpão de três pontas — informou Támez atrás de mim.

— Sei que isso o afeta — me disse Mario.

Ginger era instrutor de mergulho. Em seu tempo livre dispunha cabos sob a areia do aquário. Meus peixes o entediavam, estavam numa água morta para ele, mas me ajudava de boa vontade.

Virei-me para Támez. Ele segurava dois celulares junto a sua caderneta. Escrevia com grande desconforto, fingindo concentração. Todos nós o odiávamos. “Foi ele”, pensei. O clarão azul do aquário dava a seu rosto picado de varíola um aspecto de pedra lunar.

Eu simpatizara com Ginger desde o primeiro momento. Seu nome me lembrava um titã da bateria, Ginger Baker, e seu rosto otimista e cheio de sardas, um personagem de *Flipper*, programa preferido da minha infância. Ele também gostava de

brincar com os golfinhos. Sua conduta era a de alguém predisposto ao prazer. Se abria uma ostra, ela lhe parecia deliciosa. A temperatura da água sempre lhe agradava. Desconhecia as surpresas amargas, a possibilidade de se decepcionar, a existência de uma alternativa adversa.

Nascera em Detroit, a cidade “motor”, mas era difícil imaginá-lo numa rua. De fato, essa era a primeira vez que eu não o via molhado. Sua temporada em La Pirâmide transcorreria como um longo entusiasmo de mergulhos sob o sol. Quem poderia ter alguma coisa contra ele?

Támez continuava escrevendo. “Não foi ele”, retifiquei. O chefe de segurança desprezava a vida de todo mundo, mas lhe faltava criatividade para essa espécie de violência, um arção fora da água.

A roupa de mergulho provoca um calor insuportável num espaço fechado. No entanto, Ceballos tiritava.

— Vou me trocar — disse.

Dois funcionários entraram com uma maca. Era o pessoal da administração, com uniforme cor de pistache. Ficaram parados por um momento, na imobilidade causada pela visão de um cadáver.

Mario pediu que se apressassem. Parecia que nunca tinham carregado um morto antes. O rosto de Ginger bateu três vezes no chão.

Aproximei-me de Mario.

— Como você soube onde eu estava? — perguntei.

— Juliancito. Ele viu você saindo do bar com a Sandra. Disse que estavam calibradíssimos. Era o seu quarto ou o dela.

No tom de um péssimo ator que representa um chefe de segurança, Támez disse:

— Vou dar parte no Ministério Público.

Mario desligou a lanterna. Os peixes nadavam ao longe.